



GT 04. Antropologia Biológica e interfaces biologia e cultura: história, pesquisas atuais e perspectivas futuras

Coordenador(es):

Verlan Valle Gaspar Neto (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Pedro Jose Tótorá da Glória (Universidade Federal do Pará)

A história da Antropologia Biológica remonta, pelo menos, ao século XIX, tanto nos chamados centros irradiadores (EUA e Europa) quanto em outros países, inclusive no Brasil. Das primeiras investigações até os dias atuais, a Bioantropologia brasileira tem se apresentado multifacetada, com uma profusão de estudos com reconhecida inserção na comunidade antropológica internacional. Não obstante, praticamente inexistem hoje, no Brasil, espaços de discussão que abordem as interfaces entre Biologia e as ciências humanas, incluindo em um mesmo fórum pesquisas realizadas em Etnobiologia, Antropologia Ecológica, evolução biocultural, Antropologia Forense, Bioarqueologia, Antropologia Genética, Socioecologia da Saúde, Primatologia, entre outros campos correlatos. Inspirada em iniciativas como o simpósio “Reintegrating Anthropology” (Portugal, 2016), organizado pela Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, e o livro editado por Tim Ingold e Gisli Palsson, *Biosocial Becomings: Integrating Social and Biological Anthropology* (2013), a proposta deste GT é abrir espaço a investigações de natureza teórica, experiências em trabalho de campo, bem como relatos de iniciativas institucionais, que contemplem os aspectos históricos, os múltiplos temas atuais, as perspectivas futuras e, sobretudo, as possibilidades de diálogo entre Biologia e Antropologia no e a partir do Brasil.

Bioarqueologia: Também uma Arqueologia dos Processos de Saúde e Doença

Autoria: Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza (ENSP)

O registro de fatos e saberes relacionados a saúde e a doença remonta à antiguidade, mas os estudos reconhecidos como de paleopatologia, área de conhecimentos mais tarde englobada no campo maior da bioarqueologia, são muito recentes, estando contido, para a maior parte dos atores, no século XVIII. No século XIX alguns precursores adiantaram-se, talvez buscando fortalecer a medicina científica emergente. Mas, efetivamente, apenas no século XX os estudos sobre a saúde e o estar doente no passado puderam avançar, passo a passo, com os avanços científicos de outros campos. Ao longo desta trajetória, mudanças nas perspectivas teórico-metodológicas, grandes avanços de técnica e o fortalecimento das abordagens inter e multidisciplinares, transformaram o que de início pode ter sido apenas um desafio da técnica e um exercício de critérios diagnósticos. O estudo de materiais ou documentos antigos em busca de conhecimentos sobre a saúde e seus companions demográficos, nutricionais, sociais, culturais, genéticos, evolutivos e outros, transformou o que antes seria um mero exercício de anatomia patológica em um fértil campo integrador de conhecimentos, capaz de desvelar e associar diferentes campos de informação em torno da interpretação dos achados nos corpos humanos ou seus remanescentes. Por outro lado, dando-lhes sentido e remetendo às vidas de indivíduos e grupos humanos, ilumina o passado a partir de leituras bioantropológicas que frequentemente se encontram ordenadas em torno de questões sobre saúde e doença. Na procura pelo entendimento do que ocorreu em vida com indivíduos e grupos de indivíduos, e necessário através do recurso a muitos diferentes métodos e técnicas descobrir os processos que ocorreram depois da morte, e desta forma a bioarqueologia dialoga continuamente com a experiência da antropologia forense, por exemplo, dados sobre o contexto arqueológico e saberes da geologia, da estratigrafia, da física e de outros campos são necessários para contar a história que antecede o conhecimento dos fatos ocorridos em vida. Uma vez que sabemos que feições ou lesões nos testemunhos estudados são relacionados ao período da



vida, então as diferentes áreas biomédicas contribuirão para descartar hipóteses e interpretações sobre o observado e seu significado. Sabendo o que podem ter sido os fatos da saúde e da doença, volta a ser necessário o diálogo com os saberes arqueológicos, antropológicos, sociológicos e da história, que nos ajudarão a entender e recompor o passado, a partir do eixo de dados bioarqueológicos. Da capacidade de mobilizar diferentes saberes e integrá-los advirá o sucesso de estudos bioarqueológicos, campo de gratificantes experiências inter e multidisciplinares.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: